

TREM DA VIDA

*** Roberto Rodrigues**

Na solenidade realizada na ESALQ no dia do engenheiro agrônomo em outubro passado, recebi da Escola o Troféu "O semeador", uma peça em bronze com um agricultor lançando sementes ao solo, em alto-relevo. Agora, passado já algum tempo do emocionante momento, gostaria de especular um pouco sobre a mescla de sensações ali percebidas.

A primeira questão que me perturbou foi o porque da distinção: seria merecida tanta consideração por parte da Escola, um verdadeiro templo do saber agrônomo ao qual eu é que devo homenagear todos os dias pelo que ali aprendi? Seria justa a premiação? Ou teria ela sido motivada pelo grande amor que nutro pela ESALQ e por ela correspondido através de seus corpos docente e discente, sua direção e da ADEALQ (Associação de Ex-Alunos da Luis de Queiroz)?

Esta inquietação me trouxe de volta uma dúvida que me persegue desde os bancos universitários: para alcançar a Felicidade, qual seria o melhor caminho, a Justiça ou o Amor? Confesso que depois de quase 50 anos tentando encontrar a resposta correta, desisti desta busca, até porque ora tenho certeza que é o Amor, ora me convenço que é a Justiça. Mas não desisti de ambos, e a maneira de resolver o dilema foi estabelecer, figuradamente, que a vida é uma "viagem", um trem em movimento permanente no qual a gente entra quando nasce e desce em uma outra estação; e os trilhos sobre os quais ele corre são exatamente o Amor e a Justiça, eternamente em paralelo, para que um não sobrepuje o outro. E a Felicidade é a viagem em si, nenhuma estação em particular, embora cada uma nos reserve diferentes formas de alegria.

O combustível que move este trem é a Esperança. É ela que nos empurra sempre e inexoravelmente, levando-nos ao compromisso de ajudar a fazer um mundo melhor. Se não houvesse Esperança de um melhor porvir, para que seguir viagem? Mas, como pode qualquer pessoa colaborar na construção de um mundo melhor? Especulei muito sobre isso, conversei com gente muito mais culta e educada, li bastante e resolvi que é ensinando tudo o que se sabe. Se uma pessoa tiver um bem material, pode dividi-lo com outra, e cada uma será dona de uma metade. Mas se estas mesmas pessoas ensinarem uma à outra tudo o que sabem, o conhecimento de ambas dobrará. No limite utópico, todos saberão tudo e o mundo será melhor, mais igual.

Daí vem a outra dúvida: e se nada sei, como poderei contribuir? A resposta é óbvia: aprender! É isso, o sentido da vida, desta viagem extraordinária e infinita, é aprender o máximo para ensinar tudo ao maior número possível de cidadãos e assim, coletivamente, manter a esperança de construir um mundo melhor, com amor e justiça.

Mas é preciso escolher os companheiros de viagem. Gente tem ambições, idiossincrasias, ódios, frustrações, invejas, ciúmes, desejos inconfessáveis (como o de vingança), e estas são más companhias. A viagem precisa transcorrer em Paz, outro ingrediente para a Felicidade: Paz, e sua irmã gêmea, a Harmonia. Bom será poder viajar sempre com a Ética, com a Verdade e a Lealdade, com a

Honestidade, com o Desprendimento, sem buscar a Glória imaginando que ela espera em alguma estação.

Se a gente conseguir isso, estará também ao lado de outra companhia fundamental, a Honra. A honra de ter vivido para valer, a honra de ter correspondido à expectativa Daquele que nos iluminou com a suprema dádiva, a Vida. Sem vida com honra, não há felicidade, e não há felicidade individual se o coletivo for infeliz, daí o compromisso com a melhoria do mundo. A Honra caminha ao lado de seu maior parceiro, o Orgulho, este outro belo companheiro de viagem, se e quando ele se livra da Arrogância e seus primos mais burros, a Prepotência e o Preconceito...

Bem, tudo isso me ocorreu naquele momento do prêmio, de forma confusa e atabalhoada, como também ficou aqui, mas menos.

E por fim, lembrei-me muito de meus pais, e imaginei se eles estariam sorrindo da minha emoção. Num átimo, vi meu pai, já idoso, sendo mal educado com um sujeito chato. Sem graça, pedi que não repetisse a malcriação, e ele então me respondeu que já estava na idade de só conversar com quem lhe desse prazer. Calei-me, achando certo.

Hoje não penso assim: a gente não pára de conversar com quem pensa diferente porque a gente fica velho; é exatamente o contrário, a gente fica velho porque não quer mais conversar com gente que pensa diferente... E com isso, para de aprender.

E essa é outra bagagem para a viagem: Paciência, Tolerância, disposição para ouvir, dialogar, que também é aprender, para ensinar. Era isso. Boa viagem, minha gente!

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**